

DESAFIOS DA EXPANSÃO DE SERVIÇOS FINANCEIROS EM MOÇAMBIQUE

Sofia Amarcy | Nelsa Massingue

INTRODUÇÃO

Em economias africanas em desenvolvimento, como Moçambique, o debate sobre o alargamento da participação dos mercados financeiros na produção, nas relações de trabalho e no investimento tem merecido maior atenção por parte de entidades reguladoras e agentes económicos em geral. Em 2007, o Banco de Moçambique (BdM), lançou uma estratégia de bancarização da economia com o objectivo de reduzir e controlar melhor a inflação e a estabilidade do sistema financeiro (BdM, 2007b). Os problemas fundamentais que esta estratégia levanta são a expansão territorial de produtos e serviços financeiros, o aumento de profundidade financeira e a valorização do metical como meio de troca (meticalização). Esta posição está em consonância com o actual discurso político do Governo de Moçambique (GdM), que aborda sobre a necessidade do sistema financeiro expandir territorialmente para cobrir mais áreas do território nacional (GdM, 2010 e 2005).

Recentemente, tem-se verificado um processo de expansão do sector financeiro. Segundo o BdM, houve um aumento na taxa de cobertura dos serviços financeiros em 18 pontos percentuais, passando de 22% em 2007 para 40% em 2010 (O País, 01/02/2010). O número de distritos cobertos por rede bancária passou de 28, em Janeiro de 2007, para 51, em Fevereiro de 2010. Assim, o presente artigo pretende perceber o que está a acontecer com a expansão do sector financeiro e se as dinâmicas de expansão bancária são favoráveis ao processo de diversificação, articulação e alargamento da base produtiva.

Em Moçambique, o padrão de acumulação é caracterizado por uma economia de natureza extractiva com limitada diversificação e articulação da produção e do comércio (Castel-Branco e Ossemane, 2009). Sendo assim, o que se pode esperar de um sistema financeiro que se integra dentro de uma economia que tem tais características? Não estará o sector financeiro a consolidar tais padrões, uma

vez que o mesmo tem uma base social, económica e política em torno da qual se desenvolvem interesses, tensões, pressões e conflitos?

Após a introdução, o artigo está estruturado em duas secções. A secção seguinte introduz a reflexão à volta do conceito de expansão do sistema financeiro utilizado em Moçambique, as limitações associadas a este conceito e o tipo de dinâmicas e ligações que esta expansão permite criar na economia. Para tal foi feita uma caracterização do tipo de expansão que está a ocorrer em Moçambique, na dimensão territorial, de profundidade financeira e de meticalização. Esta caracterização foi realizada revisitando os dados estatísticos oficiais do BdM e do Instituto Nacional de Estatística (INE). Houve necessidade de recorrer a fontes alternativas, como relatórios dos bancos comerciais, porque o BdM apenas fornece informação agregada dos bancos quando o objectivo da análise visa mostrar os níveis de concentração bancária não só de balcões por província mas também por bancos e as suas respectivas quotas de créditos e depósitos. No entanto, a informação desagregada não é consistente com a do BdM pelo facto de alguns bancos não possuírem informação disponível para alguns anos. E estes problemas de acesso a informação vão requerer mais trabalho de pesquisa que irá depender da disponibilidade das respectivas instituições fornecerem tal informação. E, na última secção, o artigo apresenta reflexões críticas e desafios à abordagem sobre a expansão de serviços financeiros em Moçambique.

EXPANSÃO DOS SERVIÇOS FINANCEIROS: DIMENSÃO TERRITORIAL, DIMENSÃO DE PROFUNDIDADE FINANCEIRA E DE METICALIZAÇÃO

Esta secção pretende analisar o conceito de expansão de serviços financeiros. Em Moçambique, a abordagem de expansão centra-se na bancarização e meticalização da economia.

A expansão de Serviços Financeiros (SFs) é definida como o alargamento territorial de produtos e serviços financeiros e o aumento da profundidade financeira, ou seja, a maior cobertura em termos de depósitos e créditos a economia (Abreu, 2005; BdM, 2007a e 2007b; GdM, 2005; Gove, 2009 e 2010; Matabele, 2008). O governador do BdM, Ernesto Gove, no seu discurso de brinde do fim de ano em 2009, afirmou que:

(...) no quadro da nossa estratégia de alargamento de serviços financeiros às zonas menos favorecidas, voltámos a assistir à contínua expansão da rede de balcões de bancos para as zonas rurais, concorrendo para que mais moçambicanos tenham acesso a serviços financeiros e possam canalizar as suas poupanças ao sistema bancário. Nos últimos 12 meses, autorizámos a abertura de 57 novos balcões de bancos em todas as províncias, passando, deste modo, para um total de 398 balcões autorizados, dos quais 340 já se encontram em funcionamento, cobrindo todas as cidades capitais, vilas municipais e 44 dos 128 distritos do país, número que poderá aumentar brevemente para 53 distritos, assim que terminarem as obras de instalação em curso. Adicionalmente, durante o ano autorizámos a constituição de mais um banco, passando o total nacional para 16, uma Cooperativa de Crédito e duas Casas de Câmbio e a inscrição de cinco Organizações de Poupança e Empréstimo e 23 operadores de Microcrédito. (...) Será ainda possível que os clientes do sistema bancário façam uso de serviços de ATM ou POS em qualquer dos bancos a operar no País (...) (Gove, 2009:7-8).

Além da expansão na dimensão territorial e de serviços, o BdM (2007b) inclui a meticalização como indicador de expansão. Gove (2010) argumenta que a meticalização é o processo de valorização do metical e de maior utilização de contas em meticais comparativamente às contas em divisas, o que permite canalizar mais poupanças do público para o sector financeiro, a fim de multiplicar os apoios às iniciativas de investimento.

Diferentes indicadores são usados para medir a expansão dos serviços financeiros. Na dimensão territorial são usados o número de instituições financeiras, o número de balcões e o número de ATMs e de POS. Na dimensão de profundidade financeira os indicadores são o peso dos créditos e depósitos relativamente ao Produto Interno Bruto (PIB). E, no caso da meticalização, é usado o peso dos depósitos em moeda estrangeira com relação aos depósitos em moeda nacional.

DIMENSÃO TERRITORIAL

Esta subsecção procura demonstrar, com recurso a estatística descritiva, qual vem sendo a evolução do número de balcões, ATMs e POS e a sua localização, de maneira a perceber o que está a acontecer com a expansão territorial em Moçambique. O argumento central é que a expansão é predominantemente concentrada por bancos, balcões e por regiões. E esta característica vem-se verificando ao longo do período em análise.

INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO

As instituições de crédito em Moçambique são constituídas por bancos comerciais e de investimento, cooperativas de crédito, micro-bancos, instituições de locação financeira. Os bancos são maioritariamente de capital estrangeiro, sobre-

tudo portugueses e sul-africanos (FMI, 2010). Segundo Castel-Branco, Massingue e Ali (2009), as instituições de crédito formais operam em apenas 40% dos distritos rurais e urbanos do país.

A tabela 1 mostra que, ao longo do período em análise, os bancos comerciais têm maior peso no total das instituições de crédito e tal está ligado ao facto de os bancos constituírem a fonte mais importante da provisão dos SFs (USAID, 2007). Segundo Carvalho e Souza (2009), em Dezembro de 2008, os bancos em Moçambique acumulavam 89% do crédito do sistema e 91% dos depósitos.

TABELA 1 INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO EM MOÇAMBIQUE (2000-2009)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Total de Instituições de crédito* (nº)	16	19	18	20	20	19	20	20	22	24
Bancos** (nº)	11	13	12	13	12	12	12	12	14	14
Peso no total (%)	69	68	67	65	60	63	60	60	64	58
Cooperativas (nº)	3	3	3	4	5	5	6	6	6	6
Peso no total (%)	19	16	17	20	25	26	30	30	27	25
Microbancos (nº)	0	0	0	0	0	0	0	1	1	3
Peso no total (%)	0	0	0	0	0	0	0	5	5	13
Instituições de Locação Financeira (nº)	2	3	3	3	3	2	2	1	1	1
Peso no total (%)	13	16	17	15	15	11	10	5	5	4

FONTE Calculado pelas autoras com base em BdM (2010a e 2010b)

NOTAS

(*) O número total de instituições de crédito apresentadas não inclui operadores de micro crédito

(**) Em 2001 fundem-se dois bancos o BCM e BIM actualmente conhecido por Millennium BIM e, em 2003 verifica-se a fusão de mais dois bancos o BCI e o Fomento que actualmente é conhecido por BCI.

A tabela 2 mostra que, apesar de haver um aumento do número de bancos, a concentração dos balcões diminuiu não muito significativamente, sendo que mais de 50% das agências em funcionamento no país são detidas pelos quatro maiores bancos (Millennium BIM, BCI, Barclays e Standard Bank).

TABELA 2 DISTRIBUIÇÃO DOS BALCÕES POR BANCOS, DE 2000 A 2009

Bancos	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Millennium BIM (nº de balcões)	-	-	-	-	76	76	76	86	101	117
Peso no total de balcões (%)	-	-	-	-	39	38	38	36	34	33
Banco Comercial e de Investimentos (BCI)	23	23	23	32	32	35	38	42	50	71
Peso no total de balcões (%)	45	43	43	50	16	17	19	18	17	20
Standard Bank*	27	27	27	27	27	27	23	26	29	32
Peso no total de balcões (%)	53	51	51	42	14	13	11	11	10	9
Barclays	-	-	-	-	48	48	48	48	60	59
Peso no total de balcões (%)	-	-	-	-	24	24	24	20	20	17
Mauritius Commercial Bank (MCB)	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2
Peso no total de balcões (%)	2	2	2	2	1	0	0	0	1	1
First National Bank (FNB)	-	2	2	4	4	5	5	5	8	12
Peso no total de balcões (%)	-	4	4	6	2	2	2	2	3	3
African Banking Corporation (ABC)	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
Peso no total de balcões (%)	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Moza Bank	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
Peso no total de balcões (%)	-	-	-	-	0	0	0	0	0	1
Banco Mercantil e de Investimentos (BMI)	-	-	-	-	2	2	2	2	2	2
Peso no total de balcões (%)	-	-	-	-	1	1	1	1	1	1
Banco Internacional de Comércio (ICB)	-	-	-	-	2	2	3	5	5	5
Peso no total de balcões (%)	-	-	-	-	1	1	1	2	2	1
Banco Terra									2	8
Peso no total de balcões (%)	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2
Socremo								9	11	12
Peso no total de balcões (%)	-	-	-	-	-	-	-	4	4	3
Banco Oportunidade						4	4	4	4	6
Peso no total de balcões (%)	-	-	-	-	-	2	2	2	1	2
Banco Procredit								12	19	21
Peso no total de balcões (%)	-	-	-	-	-	-	-	5	6	6
Total de balcões**	51	53	53	64	197	201	202	238	296	351

FORNTE KPMG, 2004-2008 e Relatórios anuais dos vários bancos consultados nos respectivos websites

NOTAS

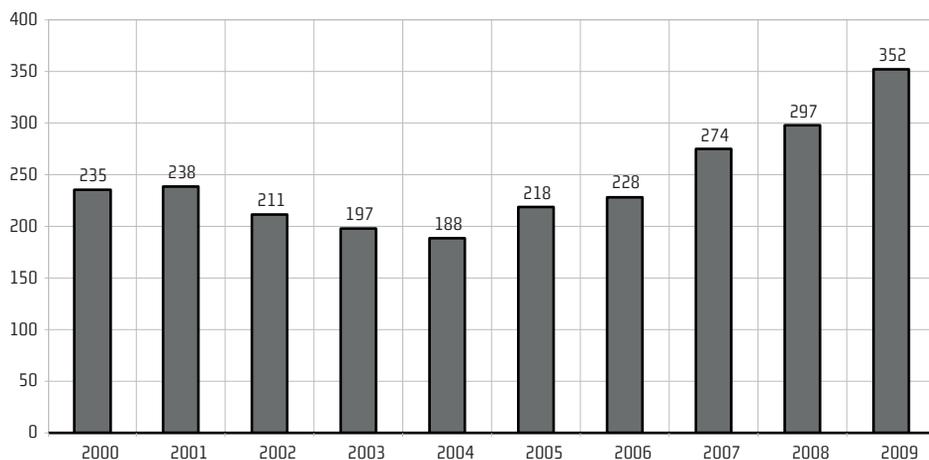
(*) Até 2002 o Standard Bank chamava-se Standard Totta de Moçambique;

(**) O número total de balcões por ano na tabela acima difere dos totais nos relatórios do BdM porque nem todos os bancos têm dados disponíveis por ano e o BdM não publica os dados por banco.

BALCÕES DE BANCOS COMERCIAIS

O gráfico 1 mostra um aumento contínuo no número de balcões em Moçambique, a partir de 2004. A redução de número de balcões verificada entre 2001 e 2004 é resultado das fusões e aquisições de alguns bancos, o que causou o fecho de algumas agências bancárias. Por exemplo, em Novembro de 2001, a fusão de dois bancos, nomeadamente o Banco Comercial de Moçambique (BCM) e o Banco Internacional de Moçambique (BIM) deu origem ao actual banco Millennium BIM. Em Dezembro de 2003 foi formalizada a fusão entre o Banco Comercial de Investimentos (BCI) e o Banco de Fomento, dando origem ao actual banco designado BCI.

GRÁFICO 1 EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE BALCÕES EM MOÇAMBIQUE (2000-09)



FONTE BdM, 2010a

A tabela 3 mostra que esta tendência de concentração dos balcões nestas províncias (Maputo, Sofala e Nampula) já se vem verificando desde 2000. A economia contava, em 2009, com 352 balcões, 38% dos quais encontram-se na Cidade de Maputo e os restantes distribuídos pelas outras províncias. As províncias de Niassa e Cabo Delgado são as que têm menos balcões de agências bancárias, com apenas 3% do total de balcões em funcionamento no país (tabela 3).

TABELA 3 DISTRIBUIÇÃO DOS BALCÕES DOS BANCOS (2000-2009)

Província	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Maputo*	89	91	101	104	102	114	121	147	158	167
Peso no total de balcões	38%	38%	48%	53%	54%	52%	53%	54%	53%	47%
Gaza	21	21	16	15	13	14	14	16	17	24
Peso no total de balcões	9%	9%	8%	8%	7%	6%	6%	6%	6%	7%
Inhambane	12	13	10	10	9	12	13	16	18	27
Peso no total de balcões	5%	5%	5%	5%	5%	6%	6%	6%	6%	8%
Manica	14	14	11	7	8	12	12	14	14	17
Peso no total de balcões	6%	6%	5%	4%	4%	6%	5%	5%	5%	5%
Sofala	26	26	21	19	18	21	22	26	31	33
Peso no total de balcões	11%	11%	10%	10%	10%	10%	10%	9%	10%	9%
Zambézia	14	14	13	10	7	10	10	10	11	16
Peso no total de balcões	6%	6%	6%	5%	4%	5%	4%	4%	4%	5%
Tete	13	13	10	7	8	8	8	11	11	19
Peso no total de balcões	6%	5%	5%	4%	4%	4%	4%	4%	4%	5%
Nampula	24	24	17	16	15	16	17	22	24	31
Peso no total de balcões	10%	10%	8%	8%	8%	7%	7%	8%	8%	9%
Niassa	9	9	4	3	2	4	4	4	6	9
Peso no total de balcões	4%	4%	2%	2%	1%	2%	2%	1%	2%	3%
Cabo Delgado	13	13	8	6	6	7	7	8	7	9
Peso no total de balcões	6%	5%	4%	3%	3%	3%	3%	3%	2%	3%
Total	235	238	211	197	188	218	228	274	297	352

FONTES: BdM, 2010a e BdM (vários anos)

NOTA

(*) Os valores incluem província e cidade de Maputo

A tabela 4 mostra que, tanto em 2006 quanto em 2010, a zona Norte do país concentrava o grosso dos distritos não cobertos por rede bancária. Pese embora o facto de todas as províncias estarem cobertas por agências bancárias, em geral, estas encontram-se localizadas maioritariamente nas respectivas capitais provinciais. Segundo o BdM (2007b), em 2006, as três principais cidades, nomeadamente Maputo, Beira e Nampula, possuíam um total de 132 agências (cerca de 58% do total) 105 das quais (cerca de 78%) estavam situadas na Cidade de Maputo. Castel-Branco, Ossemane e Massingue (2010) mostram que a cidade de Nampula concentrava 48% dos balcões de bancos da Província de Nampula e os restantes balcões encontravam-se distribuídos pelos outros sete distritos.

A questão que se coloca é: que factores são responsáveis para que uns distritos dentro da mesma província tenham balcões de agências bancárias e outros não? A resposta a esta pergunta precisaria de uma análise mais profunda, mas algumas hipóteses podem ser adiantadas. Uma hipótese é a de que estas regiões têm maior dinamismo económico do que outras regiões da mesma província. A segunda hipótese é que o nível de investimento que tem sido canalizado para tais regiões pode justificar a concentração bancária. Mas, para responder a estas hipóteses, precisaríamos de mais informação que só poderá ser complementada com estudos de caso.

TABELA 4 COMPARAÇÃO DE DISTRITOS SEM AGÊNCIAS BANCÁRIAS EM 2006 E 2010

Província	Total de distritos	2006			2010		
		Distritos sem agências	Peso na província	Peso no Total	Distritos sem agências	Peso na província	Peso no total
Maputo a)	7	2	29%	2%	0	0%	0%
Gaza	11	6	55%	6%	5	45%	9%
Inhambane	12	9	75%	9%	5	42%	9%
Manica	9	7	78%	7%	3	33%	6%
Sofala	12	10	83%	10%	8	67%	15%
Zambézia	16	12	75%	12%	12	75%	23%
Tete	12	10	83%	10%	4	33%	8%
Nampula	18	16	89%	16%	13	72%	25%
Niassa	15	14	93%	14%	11	73%	21%
Cabo Delgado	16	13	81%	13%	14	88%	26%
Total	128	99	77%	100%	53	41%	100%

FONTE Patel et al, 2007 e BdM, 2010c

As tabelas 5a e 5b mostram a densidade bancária por território e por população. No período de 2000 a 2009, as províncias da Zambézia, Tete, Cabo Delgado e Niassa apresentavam as maiores densidades bancárias por território quando a província de Maputo foi a que teve menor densidade bancária por território ao longo do período. O cenário não é muito diferente quando se trata da cobertura bancária por habitante, onde as províncias da Zambézia, Tete, Cabo Delgado Niassa e Nampula são as que têm menor distribuição quando a província de Maputo tem uma maior distribuição. Isto deve-se essencialmente aos seguintes factores: primeiro, Maputo é a província com mais balcões de bancos; segundo, Tete, Cabo Delgado e Niassa são as províncias com menor número de agências bancárias

no país; e as províncias da Zambézia e Nampula são as mais povoadas do país. Segundo o BdM (2010d), na Cidade de Maputo cada agência cobria cerca de 7 mil habitantes; em Montepuez e Milange, essa cobertura abrangia 153 mil e 498 mil habitantes, respectivamente. Na óptica territorial, constata-se que, na Cidade de Maputo, existe uma agência para cada 2 quilómetros quadrados contra cerca de 10 mil quilómetros quadrados em Milange e 15,8 mil quilómetros quadrados em Montepuez. Em termos nacionais, a cobertura média de cada balcão está para cerca de 2 271 km² e 57 mil habitantes.

Recentemente têm estado a surgir no país os chamados balcões corporativos (mais conhecidos por agências *corporate*). Estes são destinados ao atendimento de Grandes e Médias empresas moçambicanas e estrangeiras com investimento no país, permitindo aconselhamento para o apoio à instalação e gestão corrente, bem como ao financiamento e planos de investimento. A tabela 6 mostra que, actualmente em Moçambique, temos dez balcões corporativos detidos por quatro bancos (BIM, BCI, Barclays e Standard Bank), sendo que 60% destes se localizam na cidade de Maputo. Os balcões corporativos encontram-se nas províncias de Maputo, Sofala e Nampula. Mais uma vez, a questão que se coloca é que motivações estão por detrás de estes serviços se estabelecerem nestas províncias.

TABELA 5A DENSIDADE BANCÁRIA POR TERRITÓRIO (2000-2009)

Província	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Maputo*	297	290	261	254	259	232	218	180	167	158
Gaza	3.597	3.597	4.721	5.036	5.811	5.396	5.396	4.721	4.443	3.147
Inhambane	5.718	5.278	6.862	6.862	7.624	5.718	5.278	4.288	3.812	2.541
Manica	4.404	4.404	5.606	8.809	7.708	5.138	5.138	4.404	4.404	3.627
Sofala	2.616	2.616	3.239	3.580	3.779	3.239	3.092	2.616	2.194	2.061
Zambézia	7.366	7.366	7.933	10.313	14.732	10.313	10.313	10.313	9.375	6.445
Tete	7.483	7.483	9.729	13.898	12.161	12.161	12.161	8.844	8.844	5.120
Nampula	3.258	3.258	4.600	4.887	5.213	4.887	4.600	3.554	3.258	2.522
Niassa	13.575	13.575	30.544	40.725	61.088	30.544	30.544	30.544	20.363	13.575
Cabo Delgado	5.990	5.990	9.733	12.978	12.978	11.124	11.124	9.733	11.124	8.652
Total	3.314	3.273	3.691	3.954	4.143	3.573	3.416	2.843	2.623	2.213

FONTE BdM, 2010a, BdM (vários anos) e base de dados do website do INE acedida a 7 de Janeiro de 2011

NOTA

(*) Os valores incluem província e cidade de Maputo

TABELA 5B DENSIDADE BANCÁRIA POR POPULAÇÃO (2000-2009)

Província	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Maputo a)	21.943	21.980	20.283	20.175	21.066	19.302	18.620	15.649	15.219	14.819
Gaza	57.300	58.778	79.152	86.635	102.580	97.750	100.311	76.782	73.904	53.214
Inhambane	104.678	99.308	132.685	136.360	155.691	119.978	113.779	79.489	73.850	50.134
Manica	81.246	83.709	109.757	177.663	160.479	109.912	113.166	100.875	106.711	91.258
Sofala	55.920	57.098	72.198	81.513	87.903	76.987	75.097	63.189	55.707	53.614
Zambézia	236.907	242.523	267.422	355.992	520.804	373.365	382.412	384.946	363.142	256.387
Tete	101.531	104.110	138.821	203.466	182.706	187.557	192.597	162.179	171.379	103.478
Nampula	136.077	139.044	200.597	217.839	237.548	227.734	219.244	181.164	174.634	138.748
Niassa	96.727	99.236	229.168	313.732	483.290	248.191	254.955	292.696	209.971	145.430
Cabo Delgado	112.734	115.018	190.704	259.465	264.790	231.653	236.476	200.821	238.010	188.717
Total	73.380	74.194	85.709	94.027	100.944	89.167	87.350	73.921	71.414	61.946

FONTE BdM (2010a), BdM (vários anos) e base de dados da população do website do INE acedida a 7 de Janeiro de 2011

NOTA

(*) os valores incluem província e cidade de Maputo

TABELA 6 DISTRIBUIÇÃO DE BALCÕES CORPORATIVOS POR BANCO E SUA LOCALIZAÇÃO

Banco	Localização	Nº
Millennium BIM	Maputo-cidade e Beira	2
Banco Comercial e de Investimentos	Maputo-cidade (3) Nampula-cidade (1) Monapo (1)	4
Standard Bank	Maputo-cidade	1
Barclays Bank	Maputo-cidade, Beira, Nampula-cidade	3

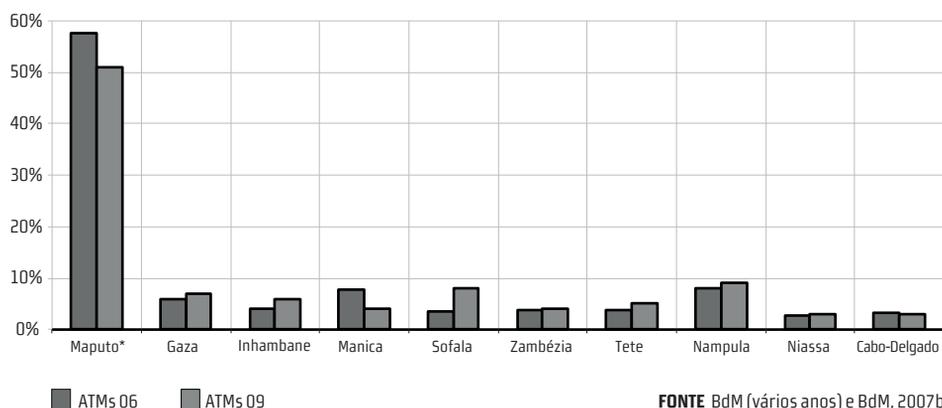
FONTE Websites dos bancos acedidos a 28 de Dezembro de 2010

CAIXAS AUTOMÁTICAS E POSTOS DE VENDA

Os bancos, em Moçambique, fornecem SFs mediante uma variedade de mecanismos, incluindo agências bancárias, caixas automáticas (ATMs), pontos de venda (POS), banca por internet (e-banking), banca telefónica, banca celular e agências móveis.

Os gráficos 2a e 2b mostram a concentração de ATMs e POS por província. Daqui pode-se notar que a concentração de ATMs e POS é maior do que a de agências bancárias.

GRÁFICO 2A DISTRIBUIÇÃO DE ATMS POR PROVÍNCIA EM 2006 E 2009

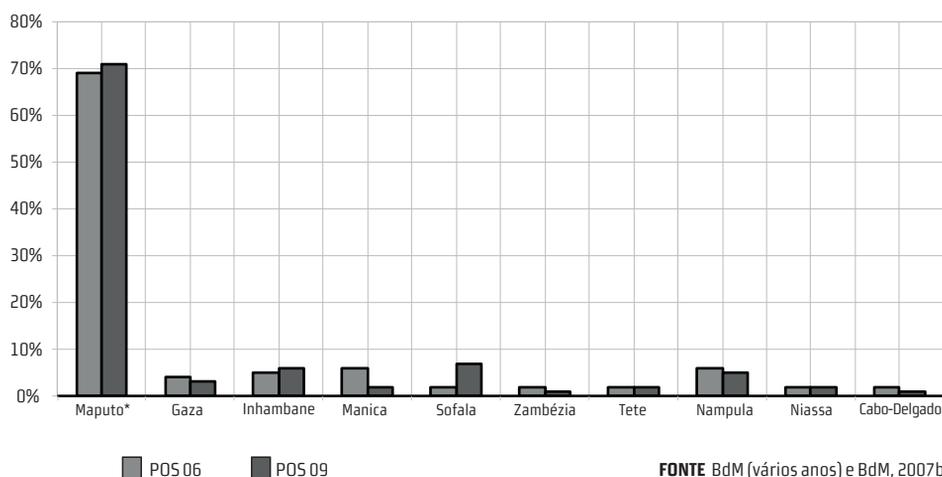


FONTE Bdm (vários anos) e Bdm, 2007b

NOTA

(*)Maputo engloba Província e Cidade de Maputo

GRÁFICO 2B DISTRIBUIÇÃO DE POS POR PROVÍNCIA EM 2006 E 2009



FONTE Bdm (vários anos) e Bdm, 2007b

NOTA

(*)Maputo engloba Província e Cidade de Maputo

DISTRIBUIÇÃO DE QUOTAS DE DEPÓSITOS E CRÉDITOS POR BANCO (2000-2009)

As tabelas 7a e 7b mostram as quotas de depósitos e de créditos, detidas pelos bancos em Moçambique. Ao longo do período verifica-se uma concentração destas operações em quatro bancos (Millennium BIM, BCI, Barclays e Standard Bank). Nas operações do passivo, tabela 6a, é possível verificar que, apesar de o BIM continuar a ser o banco que detém maior peso nas operações, este tem esta-

do a perder o seu peso. Por exemplo, o peso em 2008, quando comparado a 2001, é de 52% e 39%, respectivamente. E, o BCI teve o mesmo nível de crescimento que o Standard Bank ao longo do período.

TABELA 7A QUOTA DE DEPÓSITOS POR BANCO (EM PERCENTAGEM)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Banco Internacional de Moçambique a)	22	52	45	45	46	43	41	38	39
Banco Comercial de Moçambique	31	-	-	-	-	-	-	-	-
Banco Comercial e de Investimentos b)	9	10	19	20	18	20	21	25	23
Banco Fomento	7	7	-	-	-	-	-	-	-
Standard Bank	16	17	22	20	19	21	22	23	23
Barclays Bank	14	10	9	9	11	9	9	8	7
Sub-total	98	97	96	95	94	93	93	93	92
Outros bancos	2	3	4	5	6	7	7	7	8
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100

FONTE BdM (vários anos) e KPMG, 2004-2008

TABELA 7B QUOTA DE CRÉDITO POR BANCO (EM PERCENTAGEM)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Banco Internacional de Moçambique*	22	42	47	42	38	43	42	42	41
Banco Comercial de Moçambique	23	-	-	-	-	-	-	-	-
Banco Comercial e de Investimentos**	11	12	26	30	32	27	31	28	31
Banco Fomento	5	10	-	-	-	-	-	-	-
Standard Bank	12	12	12	10	10	9	12	12	12
Barclays Bank	18	11	6	4	6	5	5	5	6
Sub-total	92	87	92	87	86	84	90	88	90
Outros bancos	8	13	8	13	14	16	10	12	10
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100

FONTE BdM (vários anos) e KPMG (vários anos)

NOTA

(*) Em Dezembro de 2001 houve fusões dos bancos: BIM e BCM actualmente conhecido como Millennium BIM

(**) Em Dezembro de 2002 fundiram-se o Banco Comercial e de Investimentos e Banco Fomento passando a designar-se BCI-Fomento e, actualmente conhecido por BCI.

No caso das operações activas, na tabela 6b, verifica-se que o BIM apresenta, igualmente, maior peso ao longo do período. Verifica-se, ainda, que o BCI tem

vindo a ganhar maior espaço nas operações activas e, em contrapartida, o Barclays tem vindo a perder esse espaço.

Resumindo, a expansão numérica e territorial de agências e serviços bancários não tem tido impacto significativo nos níveis de distribuição, por província e por banco, sendo que continuam a verificar-se altos níveis de concentração bancária. Embora se verifique, ao longo do período em análise, a expansão do número de bancos, balcões, ATMs e POS, mantêm-se ainda a concentração territorial e bancária. No entanto, esta análise não é completamente conclusiva sobre a tipologia da expansão e concentração bancária por se limitar a olhar para o número de agências.

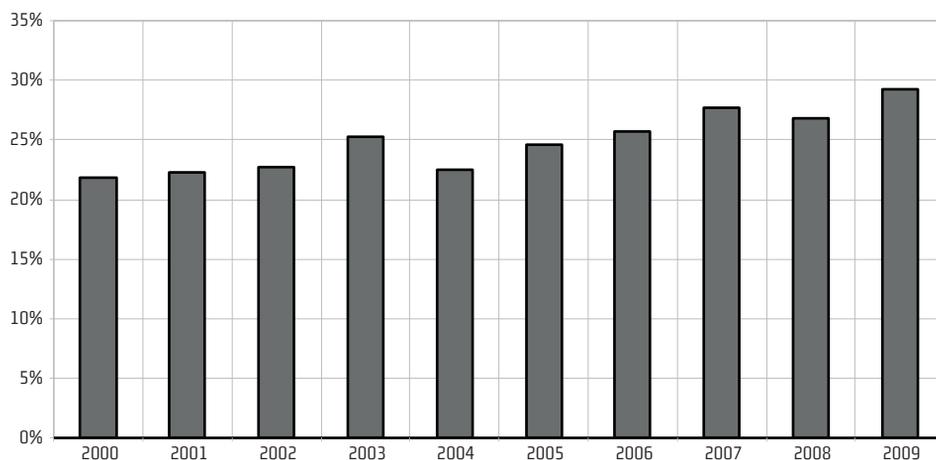
PROFUNDIDADE FINANCEIRA E METICALIZAÇÃO

Tal como já foi referido, os indicadores de bancarização incluem a profundidade financeira que consiste nos rácios tradicionais dos agregados financeiros (créditos e depósitos) como a percentagem do PIB. A meticalização é definida como a valorização do metical medida através da proporção entre contas em divisas e contas em meticais, sendo que o objectivo é que as contas em meticais cresçam mais do que as em divisas para que haja mais divisas disponíveis para a cobertura de importações e outros pagamentos no exterior.

DEPÓSITOS

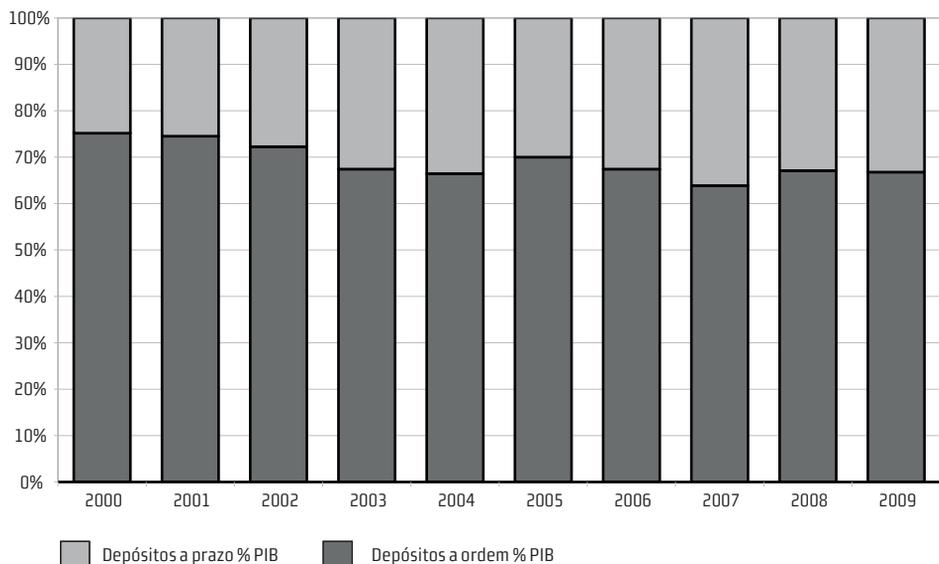
O gráfico 3 mostra que os depósitos totais em percentagem do PIB tem vindo a aumentar ao longo do período. No entanto, mostra, igualmente, que os depósitos a prazo são uma proporção muito pequena dos depósitos totais e que, ao longo do período, há um certo nível de mudança embora não muito significativa (gráfico 4). Segundo Osman (2009), a expectativa de a bancarização aumentar as poupanças não é válida pois, embora haja espaço para aumentar a bancarização, este esforço não deverá trazer grandes aumentos de depósitos a prazo pelas seguintes razões: (i) tendo as pessoas rendimentos monetários muito baixos, estas serão, durante muito tempo, tomadoras líquidas de recursos, pois o excesso de liquidez nos momentos de comercialização são rapidamente despendidos e não chegam a constituir poupança (depósitos a prazo); (ii) além disso, há uma concentração de depósitos, tanto para empresas como para particulares, e é muito possível que 5% das contas individuais detenham mais de 95% do total dos depósitos de particulares.

GRÁFICO 3 RÁCIO DOS DEPÓSITOS/PIB (EM PORCENTAGEM), 2000-2009



FONTE BdM (2010a)

GRÁFICO 4 PROPORÇÃO DOS DEPÓSITOS A ORDEM E A PRAZO (VALORES EM PORCENTAGEM DO PIB)

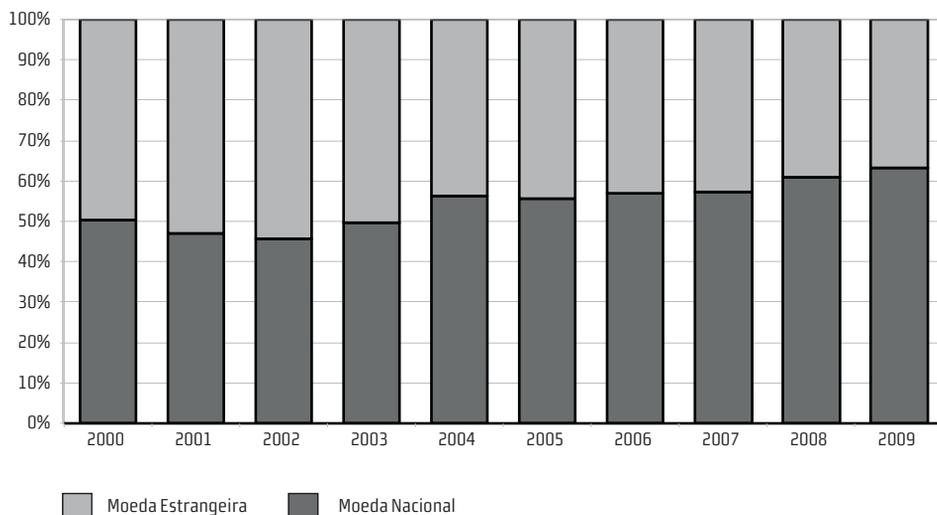


FONTE BdM (2010a)

Os gráficos 5a e 5b mostram a proporção dos depósitos a prazo em moeda nacional e em moeda estrangeira e depósitos à ordem em moeda nacional e estrangeira, respectivamente. O peso da moeda nacional comparado a moeda

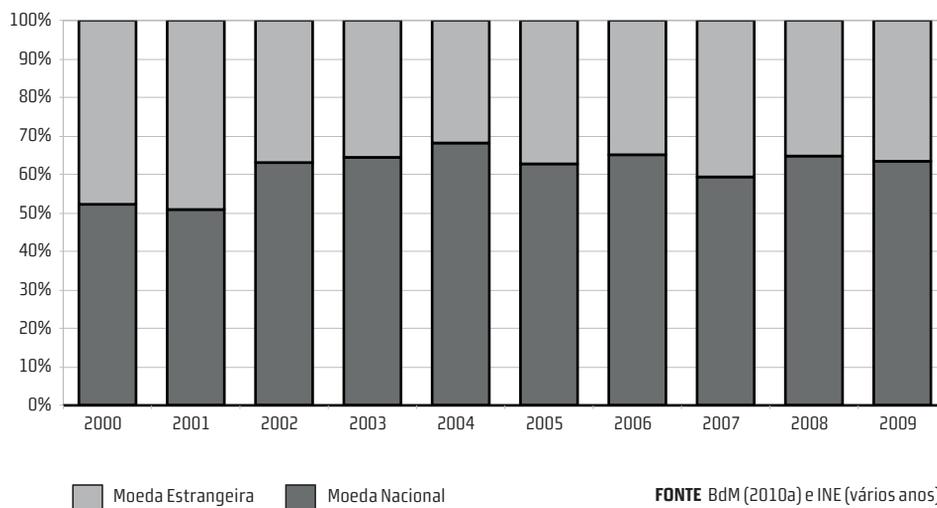
estrangeira tem uma tendência a aumentar nos depósitos à ordem, mas o mesmo não se verifica quando se trata de depósitos a prazo que apresenta flutuações ao longo do período.

GRÁFICO 5A PROPORÇÃO DE DEPÓSITOS A ORDEM EM MOEDA NACIONAL E ESTRANGEIRA, (VALORES EM PORCENTAGEM DO PIB)



FONTE BdM (2010a) e INE (vários anos)

GRÁFICO 5B PROPORÇÃO DE DEPÓSITOS A PRAZO EM MOEDA NACIONAL E ESTRANGEIRA (VALORES EM PORCENTAGEM DO PIB)

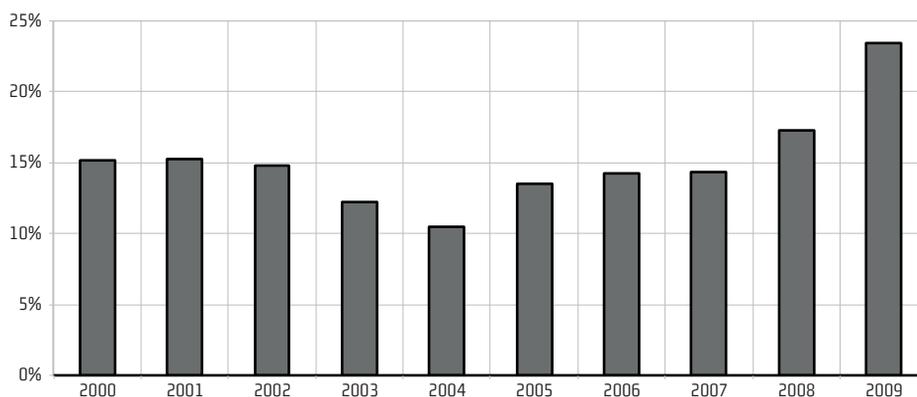


FONTE BdM (2010a) e INE (vários anos)

CRÉDITOS

O gráfico 6 mostra que, nos últimos cinco anos, o crédito à economia concedido pelo sistema bancário cresceu. De 2001 a 2004 verifica-se uma redução no peso do crédito no PIB, como consequência da redução dos valores de créditos à economia devido às diferenças cambiais. Em 2009, o crédito à economia expandiu não como produto do aumento de agências bancárias e/ou bancos mas sim para fazer face à crise financeira, pois as pressões inflacionárias externas (preços de alimentos e petróleo) permitiam tal expansão. Portanto, neste caso, a expansão dos créditos não tem relação directa com a política monetária.

GRÁFICO 6 RÁCIO CRÉDITOS/PIB (EM PORCENTAGEM), 2000-2009



FONTE BdM (2010a) e INE (vários anos)

A análise de expansão feita, na óptica de profundidade financeira e da meticalização, não permite derivar resultados conclusivos sobre as causas e consequências da expansão dos SFs. Uma das principais razões é o facto de estas estatísticas tratarem de rácios e nada mais nos dizem sobre a natureza dessa expansão. Os dados são insuficientes e inadequados, não permitindo derivar que tipo de expansão está de facto a ser feita (será somente de balcões, ou de serviços, ou de produtos), para onde está a ser feita (para cidades, distritos, zonas onde estão os grandes investimentos, zonas onde há maior produção agrícola) e o que de facto está a acontecer nas zonas para onde estes bancos se expandem.

Este tipo de análise de expansão (na dimensão territorial, profundidade e meticalização) responde a uma preocupação ligada à cobertura territorial e à estabilidade monetária, mas não responde à preocupação fundamental que é a de pensar

como o sector financeiro participa na organização da produção. Se, por um lado, é importante tomar em conta os indicadores clássicos de actividade financeira, cobertura territorial, profundidade financeira e meticalização, por outro, eles são altamente insuficientes para se perceber a dinâmica do sector financeiro. Portanto, perceber o sector financeiro e a sua estratégia de expansão passa por um processo de perceber qual é a estratégia dos bancos, de que forma estes participam na actividade produtiva e com quem estes interagem, para onde são canalizados os seus recursos financeiros, quais as suas motivações, que tipo de transacções comerciais estão a ocorrer, entre outros.

DESAFIOS DA EXPANSÃO DO SISTEMA FINANCEIRO EM MOÇAMBIQUE

A definição de expansão do sistema bancário com base na dimensão territorial, de profundidade e de meticalização é limitada porque, fundamentalmente, não permite saber o que os bancos estão a fazer para além de se estar a abrir mais balcões, conceder mais crédito, aumentar depósitos e estar a criar-se novos bancos. A análise da informação sobre o número de balcões e sua localização e distribuição por banco, a densidade bancária, as quotas de créditos e de depósitos sugerem que a expansão seja mais uma construção do sistema financeiro à volta das estruturas produtivas e dinâmicas já existentes, portanto, altos níveis de concentração da actividade.

Quando analisados os dados que são usados para sustentar o argumento de expansão, verifica-se que, de facto, a natureza desta expansão é de concentração. Tanto ao nível do peso da rede bancária por bancos, como da cobertura bancária por província, cobertura de serviços por província, e dentro das províncias existe tendência para concentração nas cidades ou em zonas de grande actividade económica. A concentração é também verificada ao nível dos bancos, tanto em termos de número de balcões detidos por cada um deles quanto pelas quotas de créditos e depósitos.

Importa referir que o presente artigo apresenta uma análise muito preliminar sobre a temática. Tal gera o desafio de construir uma abordagem, através de mais investigação e uso de estatística mais desagregada, com o objectivo de aprofundar a percepção sobre as dinâmicas do sistema financeiro em Moçambique e a nature-

za da relação com o sector produtivo. Assim, há uma série de questões que devem ser analisadas, como por exemplo:

- Que razões estão por detrás da expansão do crédito? Os dados sobre o volume de crédito não nos fornecem nenhuma informação sobre que tipo de expansão está a ocorrer. É verdade que o aumento do volume de crédito é parte do processo de expansão. No entanto, esta expansão pode estar a ocorrer devido à entrada de grandes projectos concentrados nos minerais energéticos, e sem nenhum tipo de ligação com a base produtiva nem mesmo com o desenvolvimento de algum tipo de articulação e alargamento da base produtiva comercial.
- Qual é a estrutura dos créditos e depósitos por província e sectores? A informação sobre crédito deve ser desagregada por crédito por província e depósitos por província para perceber a relação entre estes;
- Qual é a estrutura de investimentos? A estrutura de investimentos deve ser analisada de forma a entender de onde vêm os recursos desse investimento e como estes se ligam à actividade bancária em Moçambique;
- Por que razão a maior parte dos distritos do país não dispõe de uma única instituição bancária, ATM ou POS?
- Porque apenas alguns bancos se expandem para determinadas zonas e outros não? Uma análise detalhada sobre a estratégia dos bancos e do sistema financeiro em geral permitiria perceber as motivações de os bancos se localizarem numa determinada região.

Há outras questões a serem colocadas como, por exemplo, quais as tendências económicas que estão a emergir, a ser promovidas e/ou consolidadas com este tipo de expansão. Até que ponto o sector bancário está a expandir e esta expansão cria oportunidades de diversificação. Esta análise deverá ser ainda alargada à outras estruturas como o sistema financeiro não formal e não bancário para perceber a sua relação com o sistema bancário formal.

REFERÊNCIAS

- Abreu, A., 2005. Moçambique: sistema financeiro nos últimos 20 anos – realidades e perspectivas - Tópicos para uma conversa com gestores bancários e diferentes agentes económicos no Instituto de Formação Bancária de Moçambique. Maputo: IFBM.
- BdM (Banco de Moçambique), 2010a. Base de dados da Direcção de Estudos Económicos (DEE). Maputo.
- BdM (Banco de Moçambique), 2010b. Síntese da Situação Financeira na Quinzena de 15 a 30 de Abril de 2010, comunicado nº8/2010. Maputo, disponível em www.bancomoc.mz.
- BdM (Banco de Moçambique), 2010c. Síntese da Situação Financeira na Quinzena de 15 a 30 de Abril de 2010, comunicado nº23/2010. Maputo, disponível em www.bancomoc.mz.
- BdM (Banco de Moçambique), 2010d. Discurso de sua excelência o governador do Banco de Moçambique por ocasião da V conferência nacional de micro-finanças. Matola, disponível em www.bancomoc.mz.
- BdM (Banco de Moçambique), vários anos. Relatórios anuais. Maputo.
- BdM (Banco de Moçambique), 2007a. “XXXIII Conselho Consultivo do Banco de Moçambique: Discurso de abertura do Governador do BdM”. Nampula Disponível em www.bancomoc.mz/FILES/DOI/XXXICCBMDiscGovSessaoAberta.pdf (acedido a 20 de Agosto de 2010).
- BdM (Banco de Moçambique), 2007b. “XXXIII Conselho Consultivo do Banco de Moçambique: Bancarização da Economia Extensão dos serviços às zonas rurais. Nampula Disponível em www.amomif.co.mz/.../bancarizatpo-verspo%207%20-%20MF.pdf (acedido a 20 de Agosto de 2010).
- Carvalho, P. e Sousa, J., 2009. Estudos Económicos e Financeiros – Moçambique, departamento de estudos económicos e financeiros do BPI. Disponível online em www.bpiiinvestimentos.pt/Research (acedido a 3 de Setembro de 2010).
- Castel-Branco, C., 2008. Desafios do Desenvolvimento Rural em Moçambique. *Working paper* nº 03/2008. IESE. Maputo disponível em www.iese.ac.mz/.../DP_03_2008_Desafios_DesenvRural_Mocambique.pdf.

- Castel-Branco, C., Massingue, N. e Ali, R., 2009. Desafios do desenvolvimento rural em Moçambique. In Brito, L., Castel-Branco, C., Chichava, S. e Francisco, A. (orgs), 2009. *Desafios para Moçambique 2010*. Maputo: IESE.
- Castel-Branco, C., Ossemane, R. e Massingue, N., 2010. The Current Situation of the Mozambican Private Sector Development and Its Implications to Japan's Economic Cooperation - Case Study of Nampula Province", IESE. Maputo disponível em http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/Relatorio_Japao_final.pdf
- Castel-Branco, C. Ossemane, R., 2010. Crises cíclicas e desafios da transformação do padrão de crescimento económico em Moçambique. In Brito, L., Castel-Branco, C., Chichava, S. e Francisco, A. (orgs). *Desafios para Moçambique 2010*. Maputo: IESE.
- FMI (Fundo Monetário Internacional), 2010. Republic of Mozambique: Financial Sector Assessment program—Financial System Stability Assessment. IMF Country Report No. 10/12.
- GdM (Governo de Moçambique), 2010. Programa quinquenal do Governo para 2010-2014. Maputo, Moçambique.
- GdM (Governo de Moçambique), 2005. Proposta de programa do Governo 2005-2009. Maputo – Moçambique.
- Gove, E., 2009. Discurso de brinde de fim de ano aos colaboradores do Banco de Moçambique, www.bancomoc.mz/Files/GAB/Ano2009.pdf (acedido a 01 de Outubro de 2010).
- Gove, E., 2010. Discurso de abertura das Segundas Jornadas Científicas do Banco de Moçambique, www.bancomoc.mz/.../DISCURSO%20DO%20SGBM%20-%2016062010.pdf (acedido a 01 de Outubro de 2010).
- INE (Instituto Nacional de Estatística), (vários anos). Anuário Estatístico. Maputo.
- KPMG, 2004-2008. Relatório de pesquisa sobre o sector Bancário de 2004 a 2008. Maputo
- Matabele, A., 2008. A bancarização da Economia rural. Jornal WAMPHULA FAX. Artigo disponível online em http://macua.blogs.com/.../a_bancarizacao_da_economia_rural.doc (acedido a 28 de Agosto de 2010).
- O País, (01/02/2010). Bancarização da economia nacional o centro do debate. Maputo: SOICO.
- Osman, A., 2009. Financiar o desenvolvimento. In Brito, L., Castel-Branco, C., Chichava, S. e Francisco, A. (orgs), 2009. *Desafios para Moçambique 2010*. Maputo: IESE.

Patel, Y. *et al*, 2007. Bancarização da Economia - extensão dos serviços as zonas rurais. Edição especial alusiva ao XXXIII Conselho Consultivo do Banco de Moçambique. Maputo.

USAID, 2007. Restrições no sector financeiro no desenvolvimento do sector privado em Moçambique – sumário executivo. Publicação produzida pela Nathan associates Inc. Disponível em [www.tipmoz.com/.../executivesummary-mozambiquefinancialsector\(portuguesefinal\).pdf](http://www.tipmoz.com/.../executivesummary-mozambiquefinancialsector(portuguesefinal).pdf) (acedido a 23 de Agosto de 2010).

WEBSITES CONSULTADOS

www.bancomoc.mz

www.barclays.co.mz

www.bci.co.mz

www.ine.gov.mz

www.milleniumbim.co.mz

www.standardbank.co.mz